

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A Globo é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”



MARIA DO SOCORRO FURTADO VELOSO¹

ANDRESSA CARVALHO VIEIRA²

NATHALIA AIRES DA SILVA³

Recebido em: 08/09/2014. Aceito em: 21/11/2014.

Esta entrevista objetiva destacar as contribuições do jornalista, professor e pesquisador Laurindo Leal Filho para o ensino de Jornalismo e o estudo das mídias no Brasil. Docente aposentado da Universidade de São Paulo (USP), Lalo – como é mais conhecido – fala de suas experiências no rádio, televisão e assessoria de imprensa, e dos caminhos que o levaram à docência e à pesquisa em Comunicação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na USP. Incentivador de experiências no campo da comunicação contra-hegemônica, Laurindo Leal Filho mantém o olhar crítico sobre a produção midiática brasileira, com ênfase para a *Rede Globo*, corporação a que atribui responsabilidades pelo atraso cultural e político do país. Nesta entrevista buscou-se entender, ainda, o que motiva a postura crítica e combativa do sociólogo de formação, que é também apresentador do programa *Ver TV*, da *TV Brasil*. O suporte metodológico utilizado inclui entrevista semiestruturada e pesquisa bibliográfica.

Na entrevista a seguir, realizada em Natal, Rio Grande do Norte, no final de outubro de 2013, por ocasião do 8º Mutirão Brasileiro de Comunicação, o

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: socorroveloso@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8254589050604215>.

² Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa Pragma da UFRN. E-mail: andressacvieira@gmail.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9620194403821230>.

³ Estudante de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa Pragma da UFRN. E-mail: silva.aires.nathalia@gmail.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5141751140981117>.

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A Globo é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

jornalista, professor e pesquisador Laurindo Leal Filho – ou apenas Lalo, como é mais conhecido – conversa com as autoras sobre sua trajetória nos veículos de comunicação, nas universidades e também sobre temas atuais, como legislação, conteúdos e a democratização do acesso aos meios, no Brasil. O entrevistado não poupa críticas ao campo da mídia hegemônica, especialmente à *Rede Globo*. Graduado em Ciências Sociais pela USP, Lalo fez carreira como repórter esportivo no rádio, onde permaneceu por mais de dez anos. Também teve passagens pelas emissoras *TV Cultura*, *Bandeirantes* e *Gazeta*. Atuou em assessorias de comunicação, fez militância sindical e política, ministrou aulas nos cursos de Jornalismo na PUC-SP e na USP – na qual orientou várias pesquisas de mestrado e doutorado – e foi secretário de esportes de São Paulo no mandato da prefeita Luiza Erundina. Autor de quatro livros,⁴ atualmente dirige e apresenta o programa *Ver TV*, exibido pela *TV Brasil* e *TV Câmara*. Também é colunista da *Revista do Brasil* e do site *Carta Maior*.

306 |

REBEJ: Professor, em que momento o senhor decidiu ser jornalista?

LALO: Eu comecei na comunicação não exatamente como jornalista, mas como radialista. Sempre gostei muito de futebol. Quando criança jogava na rua e admirava os locutores esportivos da época, que eram pessoas famosas. A televisão ainda não tinha atingido a proporção que tem hoje, então o rádio era muito forte. Eu acompanhava muito e meu sonho, desde moleque, era ser repórter esportivo. Aos 17 anos, quando estava no colegial, sem nenhum conhecimento na área de jornalismo e de rádio, vi no jornal um anúncio de uma escola para locutores esportivos. Funcionava no centro de São Paulo. Eu me inscrevi e comecei. Era um pessoal da *Rádio Bandeirantes* que dava aulas de locução esportiva. Quando comecei a fazer, não deu um mês e a *Rádio Nacional* de São Paulo (hoje *Rádio Globo*), que era uma emissora com poucos recursos e queria investir no esporte, que pegou três jovens que podiam ser contratados a preço barato. E eu fui um deles, contratado para ser repórter esportivo. Fiquei dez anos na locução esportiva como repórter, comentarista e já no final fui acompanhar *Fórmula 1* pela Europa. Foi esse o início da minha carreira na mídia. No jornalismo impresso, fiz muito pouco. Eu fazia *frila* e essas coisas, mas nunca trabalhei em jornal, sempre em rádio e TV.

REBEJ: Daí a razão de a maioria de seus estudos serem nessa área, de rádio e TV...

⁴ **Vozes de Londres:** memórias brasileiras da BBC. São Paulo: Edusp, 2008.

A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

A melhor TV do mundo: o modelo britânico de televisão. São Paulo: Summus, 1997.

Atrás das câmeras: relações entre cultura, estado e televisão. São Paulo: Summus, 1988.

LALO: Exatamente. Porque faz parte da minha vida, conheço como funciona. Num determinado momento quis refletir sobre aquilo, então passei a estudar. Depois de 11 anos, eu não aguentava mais. É gostoso no começo, quando você ainda é jovem, vai viajar, conhece o Pelé, o entrevista e é tudo sensacional (risos). Mas depois, na rotina, você tem de trabalhar sábado, domingo. E aí eu estava namorando, casei. Então pedi demissão e fui fazer alguns trabalhos de assessoria. Ao mesmo tempo, não parei de estudar. Terminei o colegial, fiz o vestibular e entrei em Ciências Sociais na USP. Fazendo esse curso, na década de 1970, comecei a ver o telejornalismo da *TV Cultura* de São Paulo, que tinha pouca audiência, mas era sensacional. Até hoje é difícil ver matérias como eles faziam, aprofundadas. Um dia estava vendo em casa e disse: “Essa matéria parece uma aula de Sociologia. Quero trabalhar aí”. Por coincidência, um conhecido que era da área esportiva assumiu o telejornal. Fui lá, me ofereci e ele me contratou. Aí comecei a trabalhar num jornalismo mais sério. Fui repórter, editor de nacional e depois de internacional por um longo período. Trabalhei bastante tempo na *Cultura*. E também me formei em Ciências Sociais. Em 1973, fui convidado para ser monitor no recém-instalado ciclo básico da PUC-SP e em 1974, recém-formado, fui contratado como professor de *Metodologia científica*. Conheci ali uma experiência pedagógica inovadora, a qual até hoje recorro em meus trabalhos. Aí mantive durante um tempo essas duas carreiras: uma na televisão e outra na universidade. Fiquei na PUC-SP de 1974 até 1989. De 1983 a 1989 trabalhei na PUC-SP e na USP, já tendo deixado a TV. Em 1989 fiz um concurso na USP para ser professor com dedicação exclusiva. Fui aprovado e fiquei só na USP.

REBEJ: Na PUC-SP e na USP, era só professor, então?

LALO: Na verdade mais ou menos, porque fiz várias assessorias nesse período. Ajudei a fazer jornais oficiais das universidades. Na USP, quando já era professor, assumi a direção de comunicação da reitoria e montei o *Jornal da USP*, que foi o tema da minha tese de doutorado. Com essa experiência, algumas outras universidades me chamaram para montar os departamentos de comunicação dos jornais. Então também participei da formação do jornal da PUC-SP, do jornal da Escola Paulista de Medicina, que hoje é a Unifesp [Universidade Federal de São Paulo], e montei o Departamento de Comunicação e o jornal da Universidade Federal de São Carlos. Na verdade fiquei na vida acadêmica, mas nunca tirei o pezinho do jornalismo.

REBEJ: Quer dizer, o senhor sempre foi pragmático, porque sua dissertação de mestrado foi sobre a *TV Cultura* e a tese, sobre o jornal da USP. Nunca trabalhou com algo totalmente teórico...

LALO: Não. Foi sempre uma reflexão sobre a prática. Eu fiz mestrado na Sociologia da PUC-SP. O orientador foi o professor Otavio Ianni, que fez a apresentação do livro *Atrás das câmeras*. E como eu tinha feito esse mestrado sobre a *TV Cultura* e visto um modelo público de televisão no Brasil, a referência de modelo público sempre foi a *BBC* de Londres, eu sonhava em estudar a *BBC*. Aí surgiu a oportunidade, já nos anos 1990, de fazer o pós-

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A *Globo* é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

doutorado na Universidade de Londres. Fui estudar a *BBC* e acabei vendo que a coisa era bem mais complicada, então estudei o modelo britânico todo de televisão. Aí fiz aquele livrinho que é minha livre-docência – *A melhor TV do mundo*. É isso. São duas carreiras meio paralelas. Às vezes uma mais importante, outras, menos. Mas acho que se complementam.

REBEJ: O senhor ainda vê a *BBC* como a melhor TV do mundo?

LALO: Sem dúvida, continua sendo. Creio que é porque há um controle grande da sociedade sobre a televisão. Os cidadãos pagam uma taxa anual para mantê-la e exigem qualidade. Não há dinheiro público. Ela foi criada para funcionar como um serviço público, voltado para atender ao interesse público, com recursos suficientes para isso. Então eles puderam fazer uma coisa de qualidade. Quando lá chegou a televisão comercial, o público britânico já estava acostumado com o padrão da *BBC*. Então passou a exigir da televisão comercial a mesma qualidade da *BBC*. No Brasil é o inverso. O modelo dominante aqui sempre foi o comercial, de baixa qualidade. As pessoas não têm parâmetro para exigir uma coisa melhor.

REBEJ: No Brasil, existe alguma emissora que também poderia servir de modelo?

LALO: Não. Há momentos bons da televisão brasileira, mas são esporádicos. Não há um conjunto bom. E aí é preciso fazer no Brasil a diferenciação entre TV pública e TV comercial. A *TV Cultura* de São Paulo, que é o modelo mais bem elaborado de TV pública, teve momentos muito bons, principalmente na área infantil. Houve um momento, lá nos anos 1990, que eles chegaram até a ter 12 pontos de audiência com o *Rá-Tim-Bum*, *Mundo da Lua*, *Glub-glub*. Mas ficava uma ilha de qualidade em meio a um jornalismo ruim. Não havia um conjunto bom. A mesma coisa a *Globo*, que tem momentos excelentes; poucos, mas tem. Por exemplo, com algumas minisséries, como *O Auto da Compadecida*. Agora, na mesma grade de programação tem o *Faustão*, essas novelas cada vez mais repetitivas e sempre com as mesmas argumentações para pegar o telespectador. É o problema do modelo comercial. Os dirigentes acham que o que dá audiência tem de ser repetido. Eles têm medo de ousar. As ousadias se dão nesses horários, às vezes das onze da noite. Mas a diferença é essa: não há uma grade de programação de qualidade.

REBEJ: Durante sua trajetória no mercado, o senhor também foi líder sindical. Conte um pouco mais dessa e de outras experiências no jornalismo.

LALO: Fiquei oito anos como jornalista na *TV Cultura*. Trabalhei lá num período bastante difícil, na época da ditadura, e havia governadores muito autoritários, principalmente o governo Maluf, em relação à emissora. Fui eleito, nessa época, dirigente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Após esse período fui trabalhar no *Jornal da Band*, como editor-chefe. Fiquei lá mais ou menos dois anos, num momento interessante, porque a *Bandeirantes* tinha menos audiência, mas queria disputar com a *Globo*. A emissora mantinha uma linha política um pouquinho mais progressista, no final da ditadura, para atrair

quem quisesse obter mais informações que as do *Jornal Nacional*. A gente conseguia fazer um jornal razoavelmente bom. O apresentador era o Joelmir Betting. Ao sair da *Bandeirantes*, fiquei muito tempo fora da televisão. Fui fazer assessorias. Trabalhei, por exemplo, como assessor de imprensa da bancada do PT [Partido dos Trabalhadores] na Assembleia Legislativa de São Paulo. Só fui voltar para televisão, primeiro de forma muito breve, mas importante, na década de 1990, substituindo durante um mês a Maria Lídia, apresentadora de um programa de debates chamado *Gazeta Meio Dia*. Era um programa excelente. E depois só fui voltar realmente à televisão no final de 2006, na *TV Brasil*, que ainda era a *Radiobrás*, para fazer o *Ver TV*, que faço até hoje. Foi bastante tempo longe. Tirando aquele mês na *TV Gazeta*, fiquei de 1983 a 2006, ou seja, mais de 20 anos, fora do jornalismo profissional e diário. Nesse período me dediquei mais à academia. Depois que fui para a USP, fiquei em tempo integral, até me aposentar.

REBEJ: Mas o que o fez optar pela carreira de professor? Algo pontual?

LALO: Não. Foi uma combinação de coisas. E não foi como o sonho de ser repórter. Nunca tive o sonho de ser professor. Pensava um pouco, mas nunca investi. Minha mulher fazia Psicologia na PUC-SP e foi convidada para ser monitora. Eu estava no último ano de Ciências Sociais. No ano seguinte, ela me convenceu que era importante. Eu fui, fiz um teste e fui aprovado pra ser monitor. E se eu fosse um bom monitor, no ano seguinte seria contratado como professor. Nessa época estava ainda terminando o trabalho na *Rádio Nacional* e eu e o pai do Emerson Fittipaldi [Wilson Fittipaldi] éramos um dos poucos que irradiávamos *Fórmula 1*. Porque o meio esportivo do futebol era de um nível cultural relativamente baixo. Então, quem tinha um olho era rei [risos]. Como eu tinha um pouco mais de alfabetização, falava umas coisinhas de inglês, e eles queriam entrar na *Fórmula 1*, o Emerson Fittipaldi seria campeão do mundo e tal, achavam que eu era o cara certo. Para mim foi ótimo. Foram dois anos viajando pela Europa. Eu ainda estava transmitindo corridas e eles me falaram [na PUC-SP]: "Olha, se você não vier fazer o teste para *Metodologia científica*, corre o risco de não entrar". Eu avisei a rádio que não iria irradiar uma corrida nos Estados Unidos. Vim embora e mandaram outro locutor para lá. Aí perceberam que qualquer locutor podia irradiar a *Fórmula 1* [risos]. Eu ainda voltei a trabalhar em outras corridas, mas eu já não era exclusivo. Eu costumo brincar que era para eu ter sido o Galvão Bueno, porque comecei irradiar corrida muito antes. Aliás, contei essa história no último livro que escrevi sobre a *BBC – Memórias brasileiras da BBC* -, que é a história do serviço brasileiro da emissora. Acabei sendo professor desta forma. Quer dizer, eu tinha uma propensão, mas para realizar tive um empurrão circunstancial.

REBEJ: E como surgiu o seu interesse pelo campo da comunicação contra-hegemônica?

LALO: Eu sofri muita pressão política na *TV Cultura* por conta da ditadura, que tentava controlar os jornalistas. A gente tinha nas paredes comunicados da Polícia Federal dizendo que não podia falar de Dom Hélder, de Darcy Ribeiro. Tudo isso vai criando uma visão da importância política do jornalismo e dos

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A Globo é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

riscos que se corre. Se você é tão percebido pela censura é porque alguma importância tem, não é? Você incomoda. E desde essa época eu sempre tentava fazer o meu trabalho como editor de internacional de uma forma que fosse, diria, de resistência. Com a censura, a gente não podia falar do Brasil, mas em internacional, muitas vezes eu fazia matérias sobre coisas que aconteciam – uma greve na Europa – nas quais tentava, de alguma forma, relacionar com o Brasil ou pelo menos aproximar. Na verdade, esse já era um trabalho contra-hegemônico. Ao mesmo tempo, nessa época da TV fui eleito diretor do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, depois reeleito e fui para a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Quer dizer, tive uma militância sindical e depois política, na fundação do PT, que foi me levando a estar ao lado da esquerda brasileira. Na PUC-SP, fui eleito presidente da Apropuc, a Associação dos Professores. A universidade, naquele momento, era um local de resistência à ditadura. Os grandes professores da USP que foram cassados e exilados de 1964 a 1968 começaram a voltar para o Brasil e ser empregados pela PUC-SP. Então, a universidade trouxe Paulo Freire, Paul Singer, Otavio Ianni, que foi meu orientador, Florestan Fernandes, José Arthur Gianotti. Grandes mestres foram contratados. A PUC-SP recebeu uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que estava proibida pela ditadura de ser realizada em universidades públicas. Abrigo também um congresso de estudantes violentamente reprimido pela polícia. A PUC-SP vivia intensamente aquele momento político e a simpatia de grande parte de alunos, professores e funcionários era pelo PT, a grande novidade da esquerda no momento. Embora muitas pessoas da minha geração tenham ido para a luta armada e participado de organizações clandestinas, nunca participei. Nunca tive vinculação político-partidária anterior. Filie-me ao PT e fui estimulado pelos colegas a sair candidato a vereador em São Paulo, nas primeiras eleições em que o partido concorreu e que teve o Lula como candidato a governador.

310 |

REBEJ: Nas eleições de 1982?

LALO: Sim. Não fui eleito, mas tive uma boa votação. Foram 13 mil votos em São Paulo, numa eleição em que se tinha de votar para todos os cargos em candidatos do mesmo partido. Era o chamado voto vinculado. Até gente da minha família não votou em mim porque queria votar no [Franco] Montoro para governador. Mas foi muito legal. Fiz uma campanha sem dinheiro, com os estudantes na rua. Eu era um jovem professor, assim como minha mulher. A gente tinha uma base. Depois as campanhas foram se profissionalizando com dinheiro demais. Mas foi uma excelente atuação de militância porque era um partido novo sendo construído. Por conta disso, em 1991, a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, precisava de um substituto para a Secretaria de Esportes. O pessoal da PUC-SP lembrou que no passado eu tinha vínculo com o esporte. Me chamaram e fiquei dois anos como secretário de esportes do município. Foi a melhor experiência profissional da minha vida, por dois motivos: primeiro, por trabalhar com Erundina, que confiava no meu trabalho e me dava uma liberdade de ação muito grande. E você falar em secretário de esportes parece que é sinônimo de jogo de futebol, camisa de clube. Não. São Paulo tinha, naquela época, 70 e poucos centros esportivos. Eu transformei aqueles centros esportivos, que estavam meio abandonados, em clubes populares para as

crianças, adultos e idosos poderem usufruir. Os clubes tinham piscina, tudo. Você ver um negócio todo caído, cheio de mato, e dali a três, quatro meses ter gente usando, foi muito interessante. Essas experiências não têm muito a ver com jornalismo, mas foram muito gratificantes profissionalmente.

REBEJ: Onde estão hoje os veículos de comunicação que operam em resistência à mídia hegemônica?

LALO: Hoje se faz, nas redes, o que o impresso fazia anteriormente, claro que com mais profundidade e riqueza de informações. Os jornais *Movimento* e *Opinião*, entre outros, faziam isso. Hoje o contra-hegemônico está na internet. No meu caso, o que faço é tuitar e postar coisas no *Facebook*. Escrevo para o site *Carta Maior* e para a *Revista do Brasil*, que é impressa e eletrônica. São mídias de resistência, sem dúvida alguma. E acho que têm um papel muito importante, porque hoje, com esse pensamento único dos grandes jornais, é a mídia contra-hegemônica que faz o contraponto.

REBEJ: E qual a necessidade que o senhor vê de se pesquisar esses meios?

LALO: Porque esses veículos são fenômenos sociológicos importantes. São fenômenos reais, concretos, que têm hoje uma inserção na sociedade, que dialogam com vários setores. Eles exercem a contra-hegemonia, então têm de ser objeto de pesquisa da academia. Eu tenho feito muitas críticas e muito duras, de que a academia não se debruça sobre esses temas. Já fez isso antes, hoje não faz mais. Por exemplo, não discute a Lei de Meios Audiovisuais da Argentina. Não discute as leis de meios nos países da América Latina. Grande parte dos cursos viraram formadores de mão de obra para a mídia tradicional. Não que não devam instrumentar as pessoas para isso. Mas tem que combinar essa formação com análises críticas. A universidade não tem feito isso.

REBEJ: O senhor é um jornalista sem diploma. O que acha da luta dos estudantes, professores e sindicatos pela obrigatoriedade da formação na área?

LALO: Acho que tem de continuar. Eu não tenho [diploma] porque na minha época não havia necessidade. Eu era jornalista antes de ser formado em Ciências Sociais. Quando estava no colegial já era jornalista registrado no Ministério do Trabalho. Não havia necessidade do diploma. Mas eu acho importantíssimo. Houve uma mudança qualitativa na composição das redações brasileiras depois da exigência. Alguns velhos jornalistas costumavam ficar falando: "Ah, porque se aprendia na redação, porque os pobres conseguiam chegar". São exceções. Aconteceu mesmo, mas não era regra. Hoje, depois da exigência do diploma, você passou a ter a exigência de pessoas mais bem informadas, mais antenadas e até mais críticas. O que é muito importante no momento em que a onda neoliberal bateu no mundo e no Brasil, e fez com que cada um fosse tratar da sua vida. Agora, cada um defende seu emprego e luta com o cara do lado porque ele pode ser o concorrente. Com todas as críticas que a gente pode fazer à universidade, ainda assim é importante essa chegada dos formados em Comunicação. Uma questão que acho fundamental é que, se você não tem diploma, como agora, quem determina no Brasil se você é

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A *Globo* é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

jornalista ou não é o dono do jornal, o diretor da emissora de rádio. Ele vai dizer: “Ah, você é historiador. Mas não faz mal, trabalha aqui. Vai lá e pega o registro na DRT”. A função profissional do jornalista foi privatizada; está nas mãos dos donos dos meios de comunicação. O que o diploma faz? O diploma é um instrumento público. Ele reconhece sua formação e é reconhecido pelo Estado. Quem diz que você é jornalista não é nem a universidade. É o Estado brasileiro, porque o diploma é reconhecido no MEC [Ministério da Educação]. Aliás, essa história do fim do diploma se originou a partir de uma raivosa ação do Otávio Frias Filho, dono da *Folha de S.Paulo*. Ele queria trazer para a redação os amigos dele, da Filosofia, da Psicologia. E não podia. Foram vários anos de luta entre o Sindicato dos Jornalistas e a *Folha*. Até que ele conseguiu no Supremo [Tribunal Federal], graças ao Gilmar Mendes, derrubar o diploma. Então, é para fazer com que os meios de comunicação não tenham mais nenhum critério além da amizade para empregar as pessoas. Quando a gente fala em profissional de jornalismo, a lei e a regulamentação não excluem o colaborador. O que ele não pode é ser empregado como jornalista, sair à rua para fazer reportagem, fechamento, ser editor. Mas pode ter a coluna dele, fazer o comentário na televisão. Isso não tem problema. Também é uma falácia dizer que se quer censurar os que não são jornalistas. Não é isso. Os colunistas continuam sem problema nenhum.

REBEJ: Qual a sua opinião sobre a *Rede Globo*?

312 |

LALO: A *Globo* é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país. As origens dela estão com o Irineu Marinho e depois com o seu filho Roberto, que criou esse império sempre ao lado das causas conservadoras e antipopulares. Se você pegar a história do jornal *O Globo* e depois da TV, você percebe que toda a linha política e editorial é contrária aos interesses da maioria da população brasileira, das classes subordinadas. Apoiou todos os golpes e todas as ações contrárias a um aprofundamento da democracia. Colaborou para o suicídio de Getúlio Vargas; apoiou e exaltou o golpe de estado de 1964; escondeu a luta dos trabalhadores do ABC. Não mudou nada; ao contrário, piorou. Houve momentos durante a ditadura e um pouco depois que a *Globo* incorporou alguns autores mais de esquerda nas telenovelas, como o Dias Gomes, o Lauro César Muniz, que colocaram no ar novelas que tinham uma crítica social interessante. Hoje, acabou. Ela tem esse papel político de direita *antipopular*, é contra as cotas, o *Mais Médicos*, a *Lei de Meios* e tudo o que é positivo para a maioria da sociedade. Ela tem esse papel político e ideológico reacionário e conservador. E um papel cultural que vai no mesmo caminho. Mostra a cultura do consumismo, da falta de solidariedade. Você vê as novelas e os programas: é só a exacerbação da conquista individual. E não é só a *Globo*. As outras seguem mais ou menos isso. A emissora mantém as pessoas em níveis de civilidade muito baixos. A cultura mais elevada não aparece. Você vê o tipo de música que veiculam nesses programas de auditório.

REBEJ: Sobre o artigo *De Bonner para Homer*,⁵ gostaríamos de saber o que levou o senhor a escrever o texto.

LALO: A *Globo*, em uma dessas articulações com a universidade, fez um acordo com o curso de Jornalismo da ECA [Escola de Comunicações e Artes da USP] para que alguns profissionais tivessem palestras com professores. O coordenador chamou professores de vários cursos, não só de Jornalismo, para dar as palestras. E me chamou. Fui lá e dei minha aula. Terminado o curso, a *Globo* convidou esses professores para uma visita à redação do *Jornal Nacional* e ao Projac. Eu fui. Não conhecia o William Bonner. Puseram a gente em volta da mesa em que eles estavam fazendo reunião de pauta com as *praças*, sabendo o que cada uma tinha e tal. Eu fui vendo aquilo, a atitude do Bonner, e fui ficando escandalizado. Como é que o cara que é editor-chefe do principal jornal do Brasil age daquela forma? Como um moleque! Fazendo brincadeiras sem graça nenhuma. Imitou o Lula, depois um argentino falando. Parece que o mundo dele começa na Barra da Tijuca e termina em Miami. Passa por cima do Brasil. O que foi começando a me assustar mais foi o critério de seleção das notícias. E aí eles sabem qual a linha da empresa. “Olha, o pessoal de Nova Iorque tem uma matéria boa. O Chávez está mandando óleo subsidiado para o sul dos Estados Unidos, para as famílias pobres, vendendo a preços mais baratos.” É uma notícia, por qualquer critério jornalístico. Quer dizer, uma nação pobre, como a Venezuela, estava auxiliando os pobres dos Estados Unidos. Ele nem titubeou. “Você ouviu o governo dos Estados Unidos?” “Não”. Lixo. Porque não interessava fazer uma matéria que de alguma maneira fosse positiva para o governo Chávez. Agora, Bonner é brincalhão, mas é arrogante com os subordinados. Eu senti que as pessoas têm medo quando ele começa a falar. Todos cheios de dedos para oferecer matéria. Isso tudo me chamou muita atenção e eu saí de lá sem fazer pergunta nenhuma. Quando voltei para São Paulo, falei: “Olha, sou professor de uma universidade pública, tenho responsabilidades públicas. Eu vi como se faz o principal telejornal do país. Tenho que contar isso”. Procurei onde eu iria publicar, porque não adiantava publicar em revistas acadêmicas. E esse era um artigo mais jornalístico, mesmo. Eu tinha o contato de uma repórter da *Carta Capital* e perguntei se interessava. Ela disse que sim. Eu fiz, saiu e repercutiu.

REBEJ: Os outros professores pensaram a mesma coisa que você?

LALO: Éramos uns dez, mais ou menos. Havia comportamentos bem diferentes. Havia uma colega, professora de Economia, jovem. Estava tão escandalizada quanto eu. Trocávamos olhares, e eu percebia que ali havia uma empatia. Um dos professores pediu a palavra e disse: “Mas por que sempre são os economistas de uma mesma linha que são entrevistados?” Depois do artigo, esse professor escreveu para a *Carta Capital* tentando minimizar o comentário que fez. Medo da *Globo*. Não queria ficar mal com a emissora. E o professor [José] Coelho, que era coordenador do curso, escreveu para o Bonner pedindo

⁵ O artigo gerou polêmica quando publicado na revista *Carta Capital*, em dezembro de 2005. Foi reproduzido posteriormente no site *Observatório da Imprensa* e em diversos sites e listas de discussão, e está retratado no livro de Lalo **A TV sob controle: resposta da sociedade ao poder da televisão** (2006).

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A Globo é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

desculpas em meu nome. Eu não pedi para ele pedir desculpa nenhuma! Aí o Bonner respondeu alguma coisa, fez um livro do *Jornal Nacional* – e as últimas cinco páginas são dedicadas a mim. Tem a carta do Coelho, tem a carta que ele escreveu para a *Folha*, para tentar me desqualificar. E ainda escreveu para a *Carta Capital*, pediu uma página inteira de resposta. Deram, e depois fiz a tréplica. O pior de tudo foi escrever para a *Folha*, porque aí o negócio foi para frente, ganhou maior dimensão. Depois, um professor do curso de História da USP, que eu nem conhecia, publicou no mesmo jornal um artigo concordando comigo. Foi essa a repercussão. Mas como pegou um produto que é conhecido no Brasil todo, a repercussão continua. É menor, mas continua. Em qualquer universidade brasileira que o Bonner vá, sempre há alguém que lembra do caso. Eu costumo brincar que marquei a testa dele. Eu pus um Z, do Zorro, na testa do Bonner (risos). Pode escrever isso.

REBEJ: Como surgiu a ideia de fazer um programa como o *Ver TV*?

LALO: Quando voltei do pós-doutorado na Inglaterra, comecei a falar nas aulas e em palestras sobre o modelo britânico de televisão. E as pessoas achavam que eu estava vindo de Marte, porque é um modelo tão diferente do nosso, um modelo público, controlado pelo público, que começaram a se interessar. Nessa mesma época a televisão brasileira estava em uma das suas piores crises de qualidade, pior do que é hoje. Junto com a Marta Suplicy, que era deputada, a Maria Rita Kehl, o Eugênio Bucci e alguns psicanalistas ligados a Marta, a gente começou a discutir as formas democráticas que tínhamos para enfrentar esse tipo de problema. Criamos uma ONG chamada *TVer*, que passou a discutir essas questões. Uma das alternativas que saiu dali foi a de se fazer um programa para discutir o papel social da televisão. Tentamos a *TV Cultura* de São Paulo, mas a emissora não se interessou. Mais tarde, em 2006, com apoio da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, então presidida pelo deputado Orlando Fantazzini, do PT, conseguimos o apoio necessário para lançar o programa. Foi uma parceria entre a *TV Câmara*, que entrava com o estúdio, e a *TV Nacional* de Brasília, hoje *TV Brasil*, que bancava a produção. Fui convidado para apresentar e topei. O retorno tem sido muito bom, principalmente no meio acadêmico. Uma de minhas maiores satisfações é saber que o programa é muito utilizado por professores para ilustrarem suas aulas.

REBEJ: O que pensa a respeito das *Lei de Meios* argentina?

LALO: O governo Christina Kirchner tomou a decisão de impulsionar esse debate, que foi rapidamente apropriado pelas organizações sindicais e de trabalhadores. A universidade também foi decisiva nesse processo. Foram vários os professores de Comunicação que contribuíram com elaboração da lei. Em vários artigos, são 166, eles têm remissões mostrando que o artigo se refere a tal lei do Japão, da Alemanha, ou de outro país democrático. Ou seja, é uma lei que pode ser perfeitamente trabalhada como um documento acadêmico, porque é resultado de várias pesquisas. Depois, ganhou as ruas. Houve mobilização popular, coisa que no Brasil me parece impossível. Na Argentina, eles conseguiram por milhares de pessoas nas ruas defendendo a lei. Mas aí a televisão pública argentina foi importante nesse processo, porque fazia

programas discutindo, defendendo. Mobilizou a sociedade. A lei está em vigor desde 2009. Faltavam só quatro artigos que o jornal *Clarín* tinha contestado na justiça e que foram agora considerados constitucionais. A lei está produzindo uma revolução no audiovisual da Argentina. Um exemplo: os povos originários eram proibidos de falar na sua língua pelos meios de comunicação. Hoje tem uma *TV Mapuche* em Bariloche, tem 30 rádios indígenas no país. Porque a lei permitiu. Ela está mudando o quadro da radiodifusão. Vai dar voz e espaço para grupos da sociedade que nunca puderam falar. É uma lei absolutamente democrática que eu espero que um dia venha a ser referência no Brasil.

REBEJ: O senhor sempre defendeu a regulamentação da publicidade para crianças. Por quê?

LALO: Acho que deveria ser proibida, como é na Suécia, na Noruega. Criança não é consumidora, é um ser em formação. No mercado publicitário circula muito dinheiro, então é uma briga de cachorro grande. Mas alguns países estão banindo totalmente, a exemplo dos escandinavos, e outros estabelecem regras. Em alguns não pode ser nos horários em que presumivelmente a criança esteja assistindo, porque quem tem que receber a propaganda não é ela, são os pais. A decisão de comprar é dos pais. É perversidade você anunciar para crianças. Isso cria problemas em famílias de menos recursos, onde as crianças passam a exigir coisas que os pais não podem dar e elas acham que só serão felizes se tiverem aquele brinquedo, aquela roupa.

REBEJ: E quanto à publicidade do governo federal nos veículos de comunicação?

LALO: É preciso ter critérios mais objetivos na distribuição. É um absurdo o volume de recursos que é dado para meios hegemônicos, tipo *Rede Globo*, e aquilo que é dado para os meios alternativos. Essa é a questão. A outra é sobre o conteúdo. Como, no caso de governos populares como os da América Latina, o Brasil incluído, é um absurdo você pensar que o governante que foi eleito pela população, para ele se dirigir à sociedade, tem de passar pelo filtro dos concessionários, dos gestores dos meios privados. Então um pronunciamento do governo é filtrado e às vezes deturpado pelos meios de comunicação hegemônicos. Por essa razão, é importante que existam canais para que esses governos possam se dirigir à população. E esses canais podem ter horários de transmissão esporádicos, ou regulares, contando para a população o que está sendo feito. Isso justifica a publicidade governamental. 

REFERÊNCIAS

LEAL FILHO, Laurindo. **A melhor TV do mundo:** o modelo britânico de televisão. São Paulo: Summus, 1997.

_____. A necessidade do controle público da televisão. **Boletim da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación**, São Paulo, v. 5, n. 21, jan./mar. 2005. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletim21/laurindo.htm>>. Acesso em: 8 set. 2014.

Entrevista – Laurindo Leal Filho

“A Globo é um instrumento do atraso civilizatório cultural e político do país”

_____. A pá de cal no bloqueio à informação. **Observatório da Imprensa**, 21 maio 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/ed747_a_pa_de_cal_no_bloqueio_a_informacao>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. A TV brasileira não reflete, esconde o Brasil. **Observatório da Imprensa**, 22 out. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/ed769_a_tv_brasileira_nao_reflete_esconde_o_brasil>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. **A TV sob controle**: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

_____. As ruas e o vaivém da mídia. **Le Monde Diplomatique**, 2 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1450>>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. **Atrás das câmeras**: relações entre cultura, estado e televisão. São Paulo: Summus, 1988.

_____. De Bonner para Homer. **Observatório da Imprensa**, 6 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/laurindo-lalo-leal-filho>>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. Murdoch e o espírito do capitalismo. **Carta Maior**, 28 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Murdoch-e-o-espírito-do-capitalismo/21893>>. Acesso em: 8 set. 2014.

316 |

_____. O Brasil na TV paga. **Carta Maior**, 15 jul. 2013. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=6199>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. Quarenta anos depois, a TV brasileira ainda guarda as marcas da ditadura. **Revista USP**, São Paulo, n. 61, p. 40-47, maio 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13316>>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. TV, um poder sem controle. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 3, n. 16, p. 75-80, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36882>>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. **Vozes de Londres**: memórias brasileiras da BBC. São Paulo: Edusp, 2008.